ESTRATÉGIAS RETÓRICO-DISCURSIVAS NO DISCURSO DE AUTO-AJUDA

Julio Neves PEREIRA[1] (UNICASTELO-SP/UMC-SP)

RESUMO: Realizou-se a análise do gênero auto-ajuda, em um *corpus* formado por três livros, a fim de descrever seu funcionamento semiótico.A análise centrou-se no nível discursivo. Sua abordagem se dá a partir da interação entre o ponto de vista greimasiano, bakhtiniano. Assim sendo, verificou-se a relação entre enunciador e enunciatário, descrevendo o procedimento retórico-discursivo pergunta. Disto constatou-se: o discurso tende a ser monológico e monossêmico; o ethos que se corporifica no discurso é a de sujeito firme, absoluto, portador e doador da verdade.

ABSTRACT: The self-help genre was analyzed in a corpus of three books in order to describe its semiotic functioning. The analysis was conducted at a discursive level. Its approach is based on the interaction between Greimas' and Bakhtin's. Thus, the relationship between enunciator and addressee was observed by describing the rhetoric/discursive procedures of question. Hence, it was found, on one hand, that in the relationship between enunciator and addressee: the discourse tends to be monologic and monosemic; the ethos that is embodied in the discourse is that of a firm, absolute subject who holds and gives the truth.

1. Introdução

Partindo do princípio de que os gêneros resultam de um processo interativo socioletal e ideoletal, em que categorias lingüístico-discursivas e contextuais são reconhecíveis no processo de textualização, neste trabalho, investiga-se como o enunciador (destinador pressuposto) constrói seu projeto de confiança e de adesão do outro, no discurso de auto-ajuda. Além disso, busca-se descrever que imagens são construídas, a partir do entendimento de que existe um jogo de simulacros em que o enunciador-autor projeta de si uma imagem para aquele a quem ele se dirige, e, de modo inverso, o enunciatário-alvo também a constrói em referência ao enunciador. Esse embate imagético deixa entrever a existência de expectativas intersubjetivas.

Entre as estratégias retórico-argumentativas e discursivas utilizadas, as análises apontaram a necessidade do aprofundamento da **pergunta retórica**, que pode caracterizar a relação intersubjetiva estabelecida neste gênero, pois se compreende que, por ser uma estratégia que aparece em todos os livros analisados, torna-se um indicativo de que seu emprego seja uma marca deste gênero discursivo.

2. A estratégia pergunta e sua função retórico-discursiva

O ato de comunicação pressupõe a ação do homem sobre o homem. Em uma visão narratológica do discurso, esse agir consiste na manipulação de um sujeito sobre o outro a fim de estabelecer a conjunção com um objeto investido de valor, seja este modal ou descritivo. Os sujeitos – enunciador (autor) e enunciatário (leitor) – estão pressupostos como instância de enunciação.

Greimas (1979) afirma que o contrato fiduciário põe em jogo um fazer persuasivo da parte do destinador e, em contrapartida, a adesão do destinatário. Segundo ele, se o objeto do fazer persuasivo é a veridicção (o dizer-verdadeiro) do enunciador, o contra-objeto, cuja obtenção é esperada, consiste em um crer verdadeiro que o enunciatário atribui ao estatuto do discurso-enunciado; trata-se de um contrato fiduciário e de veridicção.

A partir desse pressuposto, estratégias são empregadas para fazer o leitor crer no enunciador e, com isso, ler o livro como sendo as informações nele contidas como verdades. Para tanto, parece existir o que se pode denominar projeto de escrita (ou de fala), que possibilitará a construção da imagem ideal para criar identidade entre as instâncias enunciativas.

No levantamento das estratégias importantes que se apresentam no discurso de auto-ajuda, constatou-se que uma das que são utilizadas pelo destinador para manipular o destinatário é a **pergunta**. Acredita-se que seu estudo seja relevante, primeiro, porque é recorrente nos três livros que compõe o *corpus*; depois, porque se apresenta em quantidade expressiva em cada um deles: no livro de Lauro Trevisan, ocorre em vinte e seis parágrafos; no de Alexandre Henrique, em trinta e quatro e no de João Doria Junior, em vinte e

[1] junepe@gmail.com

nove parágrafos. Além das ocorrências em parágrafos, nos dois últimos livros, algumas perguntas abrem seções ou capítulos.

O princípio que orienta as análises é o de que este recurso, em alguma medida, participa da construção da imagem do enunciador e do enunciatário e, conseqüentemente, configura a maneira como ocorre a relação entre estes sujeitos da enunciação.

Desde a Antiguidade, o recurso pergunta é visto como fundamental em determinadas situações comunicacionais. Aristóteles (s/d:218) via no seu emprego um modo apropriado de agir sobre o outro, porque para ele:

> O emprego da interrogação é particularmente oportuno, quando acontecer que o adversário, depois de ter expresso uma das partes da alternativa, à menor interrogação suplementar, responde um absurdo (...) emprega-se a interrogação, quando, sendo evidente um primeiro ponto, é manifesto que, a seguir, à interrogação, o adversário concederá o outro; alias, quando nos informamos sobre uma premissa única, não devemos por interrogação, suplementar acerca do que é evidente, mas sim enunciar a conclusão (...) Podemos ainda empregar a interrogação, quando há possibilidade de mostrar que o adversário se contradiz ou que suas afirmações são paradoxais (...) usamo-la quando o adversário é obrigado a responder de maneira sofistica , para destruir a asserção proposta (...)

A pergunta, nesta perspectiva, possibilita o desarmar do oponente, ao marcar sua contradição e o direcionamento de seu raciocínio para a conclusão que não lhe seja favorável, forçando-o, por isso, a dar uma resposta que destrua sua própria asserção inicial. Nesse sentido, é um instrumento eficaz do orador que pretende, com o embate, o descrédito do interlocutor, principalmente, quando este pretende sofismar.

Entretanto, a este recurso também são conferidas outras funções. Muitas das perguntas além de servirem a este propósito de “desarme”, objetivam, de outro modo, fazer com que um saber pré-construído, um saber “já dado”, torne-se o centro da argumentação. É o caso das perguntas retóricas que visam tratar de conhecimentos partilhados e, conseqüentemente, de expor uma opinião corrente, um saber inquestionável, uma verdade inconteste aos atores do ato comunicativo. A respeito deste tipo de pergunta, Lausberg (1972: 259), em *Elementos de retórica literária*, explica que

> A “pergunta retórica” (interrogatio, interrrogatum) fustiga os afectos, por meio da evidencia de que é desnecessária uma formulação interrogativa. Por isso, não se separa uma resposta a essa pergunta, pois que ela é, já por si, a formulação, próxima da exclamatio de uma afirmação (...)

O uso dessa estratégia, portanto, não representa uma real dúvida, por parte de quem as profere, mas, ao contrário, uma certeza. Seu emprego, portanto, ao que parece, visa ao realce de uma afirmação. Mas se as perguntas desarmam o oponente e realçam uma convicção, elas somente podem fazê-lo devido a sua força afetiva.

Blair (s/d), em *Leçons de rhétorique et de belles-letres*, afirma que a interrogação pode ser considerada uma figura passional. De acordo com o autor, isso é facilmente percebido em uma conversa corriqueira, em que os interlocutores, ao se impacientarem com algo, fazem uso dela de modo bastante abusivo a fim de levar o outro a “sentir sua paixão”. Assim, acredita Blair (op. cit.), este recurso propicia ao enunciador exprimir de modo contundente a firme confiança na verdade de seus sentimentos e fazer com que seu interlocutor passe a compartilhá-los.

A interrogação, entretanto, alerta o estudioso, é empregada também em discursos que não se destinam à produção de emoções vivazes, como ocorre na discussão séria. A exemplo de outras figuras passionais da linguagem, ela age sobre o interlocutor por meio da simpatia. O que se depreende dessa visão do autor é que agir sobre o interlocutor para lhe despertar a simpatia é criar afinidade por meio de um poder resultante, metaforicamente, “do olhar e do gesto do feiticeiro”, como sugere o dicionário Houaiss.

Nesse sentido, consoante às idéias do autor, a simpatia é um princípio poderoso, pois cria afinidade entre os sujeitos não pelos sentimentos que verdadeiramente o enunciador sente, mas pelos sentimentos que ele faz parecer sentir; desse modo, por meio das perguntas, criam-se simulacros de sentimentos e de paixões para manipular persuasivamente o enunciatário.

A pergunta, portanto, é um recurso importante no processo de adesão do enunciatário às propostas contratuais do enunciador, visto que, pela paixão que desperta, pode impelir o enunciatário a interpretar favoravelmente ou não as propostas do enunciador.

Contudo, esse recurso parece se prestar (e muito) a dizer mais de quem o utiliza, no sentido de que pode dar ao analista o modo de ser dos sujeitos que o empregam no momento em que se processa a manipulação.

A pergunta, na verdade, não deve ser estudada no discurso de auto-ajuda como um mero instrumento retórico, como alias, está indicado nos estudos de Blair (op.cit.), ao dizer das intenções passionais do enunciador. Só o fato de que ele a considerada "um signo que faz o outro sentir o que eu sinto", faz com que se tome o cuidado de entender que seu emprego se destina não ao mero efeito de ornamento, mas à construção significativa de simulacros.

Entender o emprego do recurso de enunciados interrogativos nessa perspectiva exige do analista uma visão mais ampla: é necessário verificar a utilização do recurso pergunta além do seu estatuto retórico de figura de ornamento, entendendo tal recurso um procedimento de discurso, que possibilita encontrar, no seu emprego, os efeitos de sentido produzidos por ele.

Para caracterizar a maneira como o sujeitos interagem por meio da pergunta, buscam-se as contribuições teóricas de Plantin (1991), que tratou do estudo discursivo da pergunta retórica. Segundo ele, o conhecimento que se tem a respeito da relação entre frases interrogativas e argumentação advém dos estudos de Anscombre e Ducrot, que as estudaram como recursos argumentativos de língua. Nestes estudos, os teóricos defendem a tese da orientação argumentativa das frases interrogativas, o que, segundo este autor, foi um avanço em relação à visão retórica de tal recurso, pois denota que seu uso é motivado por uma intencionalidade.

Mas, o avanço de tais estudos, ao invés de manter a visão retórica da interrogação, dela se desfazem, o que para o estudioso não deveria ocorrer, pois ele a julga necessária para ultrapassar os limites de uma análise meramente lingüística; assim, deve-se tocar na questão do funcionamento retórico e no funcionamento argumentativo das perguntas, ultrapassando o texto em direção ao discurso.

A retórica antiga, argumenta o autor, sempre foi entendida como um método auxiliador da produção de argumentos, mas, agora, deve ser entendida a partir de outra perspectiva: como um método de analise de discurso, que possibilita encontrar, na materialidade deste, as intencionalidades e os seus efeitos de sentido, a fim de expor "as máscaras ideológicas" que revestem o discurso, porque, para ele, não se procede a uma analise das frases interrogativas apreendidas na língua, mas o papel que representam a interrogação e o questionamento nos discursos "monológico" ou dialógico, claramente, argumentativos. Na inquirição, por exemplo, o estudo de sua manifestação é necessário e produtivo porque possibilita saber como são utilizadas as técnicas e as noções retóricas, levando em consideração os horizontes diferentes da Retórica antiga e da reflexão moderna sobre argumentação.

Essa visão do autor é importante para este trabalho no sentido de que busca escapar de uma análise exclusivamente lingüística e exclusivamente retórica, para, no entrecruzamento de ambas, realizar um estudo do discurso. Ao invés de ater-se à mera análise da pergunta e do questionamento em uma frase isolada, descrevendo-a como uma figura de ornamento, propõe partir do pressuposto de que ela está a serviço de um sujeito da persuasão que quer levar o enunciatário a interpretar o seu dito como sendo digno de fé.

Assim sendo, toma-se de empréstimo o postulado deste analista segundo o qual existem dois tipos de efeito de discurso, altamente argumentativos, que podem ser apreendidos quando do emprego de certas perguntas: *o discurso monológico e o discurso dialógico*. Esta categorização permite indagar sobre o papel retórico-discursivo da pergunta e a partir daí opor dois tipos de situação argumentativa: uma de cooperação (discurso dialógico) e outra de "destituição[2]" (discurso monológico).

As perguntas, portanto, devem ser entendidas a partir da relação que se estabelece entre enunciador e enunciatário, pois, dependendo da intencionalidade que as rege, pode-se obter um processo dialógico, em que os sujeitos da enunciação interagem ou um processo monológico, em que ocorre a "destituição" da voz do outro. Por isso, reafirma-se o fato de que a utilização da pergunta não pode ser tratada como um mero instrumento de ornamento, mas como uma estratégia discursiva que indica os papéis dos actantes da comunicação.

Apresentam-se, neste momento, os tipos de perguntas postuladas por este autor e sua relação com determinados papéis discursivos de que estão investidos o enunciador e o enunciatário, para em seguida operar as análises. A partir das contribuições da Retórica clássica e da Teoria da Argumentação, o autor afirma existir os seguintes tipos de perguntas: *perguntas inventivas, perguntas tópicas* e *perguntas retóricas*.

De modo geral, a *pergunta inventiva* se caracteriza por uma abordagem única de questionamento sistemático. É uma técnica heurística que deve permitir o questionamento não somente para o recolhimento

[2] O autor denomina de processo de *fagocitose* (*fagociteé)*, pareceu-nos que seria interessante e correto traduzir este processo não como a destruição do outro, como procede os glóbulos brancos em função de corpos estranhos, mas como destituição do outro.

sistemático das informações pertinentes para a discussão sobre algo em questão, mas também para resolver os problemas à medida que surgem na comunicação. Os questionamentos são projetados sobre um acontecimento, ao mesmo tempo em que, esquematicamente, vai ocorrendo o levantamento de tudo o que já foi dito, sem, contudo, emitir juízo de valor.

Nesse processo, pode ocorrer que as respostas preexistam à questão ou que elas sejam mediatizadas por um processo argumentativo contraditório que engendra as perguntas. Neste método, não há a resposta certa ("La vraie réponse n'existe pas"), nem definitiva.

Nos questionamentos *tópicos*, por sua vez, as perguntas têm o mesmo teor argumentativo e retórico praticados nos diálogos socráticos e sofistas. Tais questionamentos se distinguem dos *inventivos* notadamente pelo fato de que permitem um desfecho (as perguntas levam necessariamente a uma conclusão), pois o diálogo, diferentemente das *inventivas*, é regulado por questões que são proferidas com o intuito de chegar a um final esperado: a resposta adequada, segundo as diretrizes embutidas nas próprias perguntas.

Um método utilizado nesse tipo de pergunta é o *dialético*, que é capaz de resolver as contradições que surgem no diálogo, pois a argumentação repousa sobre a utilização sistemática de "princípios de encadeamento", cujo intuito é chegar à verdade pelo par *pergunta-resposta*. Neste tipo de questionamento, as regras são dadas *a priori* e são, plenamente, admitidas pelos interlocutores, o que parece garantir sua eficácia. Além disso, o acordo prévio das regras torna a figura do árbitro secundária, o qual, segundo o autor, passa "a cuidar da boa aplicação das regras e a se pronunciar sobre o resultado do jogo".

É, portanto, um método assentado sobre o princípio da assimetria em que as posições dos sujeitos da enunciação são impermutáveis. Esta assimetria, de acordo com Plantin (op. cit.), ocorre de modo que o proponente realize suas proposições "opinativas" sempre em acordo com as respostas do enunciatário, que tem o direito de se manifestar em concordância ou em desacordo:

> Le proposant a l'initiative des propositions "opinables", qu'il soumet à l'acceptation du répondant; ce répondat, n'a guère le droit que de manifester son accord, son désaccord ou son trouble par oui, non, je ne coprends pas[3] [...] (ibid.)

Assim, enquanto no questionamento "inventivo", os sujeitos buscam a verdade possível na contradição instaurada no processo pergunta-resposta, no questionamento "*tópico"*, buscam a verdade, pautados por um regulamento apresentado *a priori* e aceito pelas partes.

Como se observa, os tipos de perguntas desenvolvidas acima são de caráter dialógico porque se dão sob princípios de interação no sentido de que há uma troca, mesmo que a relação seja assimétrica. O importante é entender que nem aquele que pergunta nem aquele que responde é de alguma forma excluído tacitamente do processo, seja pela presença de uma sistemática de perguntas, que impele a participação do enunciatário, seja pelo caráter tópico delas que direcionam o raciocínio por meio de encadeamento de perguntas que surgem, dialeticamente, das respostas dadas pelo enunciatário.

Diferentemente, ocorre no caso em que o enunciador, na comunicação, emprega uma pergunta que já contenha a resposta (pergunta retórica): o processo deixa de ser interacional, pois afasta o enunciatário do processo como um sujeito capaz de dar respostas, de aceitar, de recusar; ou seja, deixa de ter atitude responsiva (Bakthin, 2003) e passa a ter (ou espera-se que tenha) apenas uma conduta.

> Un autre stade est franchi lorsqu' on passe aux questions monologique ou la parole de l' autre, coopérant ou opposant, est phgocyttée dans um discours interrogatif. (Ibid. p. 64)

Este processo é denominado de "parole phagocytée[4]", em que se pode entender que a pergunta que já contém a resposta representa a destituição da voz do enunciatário. Ocorre, neste processo, a nulidade do actante; de maneira diferentemente do questionamento *inventivo* e do *tópico*, o enunciatário é forçado a assumir como sendo sua a afirmação camuflada na pergunta. Essa manobra objetiva fazer com que o enunciatário assuma-se como enunciador de um discurso que não é seu, cuja conseqüência é o processo de monologização, em que voz e vontade são suprimidas a favor da voz e da vontade do enunciador.

Assim, o autor postula que estes três tipos de questionamentos implicam três maneiras de ser do enunciador, e, por contra ponto, três maneiras de ser do enunciatário. O enunciador, dependendo do uso que faz da pergunta, desempenha o papel: (1) daquele que sabe, **o déspota ou o dono da pergunta**. A resposta encontra-se na própria pergunta do déspota; o enunciatário se vê na condição de **discípulo** (no sentido de que

[3] Grifo do autor.
[4] Tradução livre: *Fala que destrói a outra*.

não traz consigo nenhum tipo de conhecimento), portanto, em posição inferior a quem profere a pergunta. (2) Daquele que busca e encontra, **o investigador**, é **o inquiridor**, aquele que faz a pergunta que reúne as qualidades adequadas na direção da resposta (dirige a resposta); o enunciatário é colocado na posição de assumir a diretriz traçada na própria questão, assumindo ou não a resposta embutida antecipadamente na pergunta, segundo uma lógica de participação igualitária. E, por fim, (3) daquele que erra, **o ignorante** (o que tem dúvida); o interlocutor é posto na posição "alta" de **conselheiro** (o oráculo).

3. Papéis retórico-discursivos no discurso de auto-ajuda

A partir dessa categorização, é possível analisar as perguntas que integram os livros de auto-ajuda do *corpus*, o que permite saber a sua função discursiva nesta literatura, ao mesmo tempo em que possibilita caracterizar a maneira de agir e de ser do enunciador no processo de persuasão (manipulação) do enunciatário. Metodologicamente, não serão analisadas todas as ocorrências das perguntas que aparecem nos três livros; em vez disso, analisam-se as perguntas que aparecerem no primeiro capítulo de cada livro; as perguntas analisadas no livro 1 estão presentes na primeira seção do primeiro capítulo.

3.1. Livro 1 – *O poder de sua mente*

O primeiro conjunto de perguntas encontra-se no primeiro parágrafo da primeira seção:

> Muitas vezes você deve ter-se perguntado: por que algumas pessoas são felizes e outras desgraçadas? Por que alguns têm sucesso na vida e outros vivem e morrem marginalizados? (TREVISAN, 1980:13)

O motivo do emprego destas perguntas não parece ser o de provocar no enunciatário uma atitude de resposta, do tipo: *sim, eu já me perguntei muito sobre isso;* ou*: não, eu nunca me perguntei sobre isso;* ou*: talvez, eu tenha algum dia me perguntado sobre isso.* Não representam, na realidade, uma dúvida do enunciador, que parece não esperar nenhuma resposta, porque o modo como estão formalizadas faz com que pareçam ser uma afirmação, mais um certificar-se daquilo que o enunciatário sente do que uma incerteza, uma hesitação.

A função destas perguntas iniciais, na realidade, parece estar atrelada ao movimento argumentativo que se quer construir no discurso, pois, por meio delas, o sujeito-autor manipula a atenção do sujeito-leitor para o problema-assunto a ser tratado: a existência de diferenças sociais e emocionais entre as pessoas. Entretanto, seu uso parece não se limitar a esta função textual: estrategicamente, o enunciador ao simular a antecipação de uma dúvida, não de quem as profere, mas para quem elas são proferidas, constrói a imagem de que é o detentor de um conhecimento prévio acerca do sentimento de aflição pelo qual o enunciatário passa e, ao mesmo tempo, a imagem de que é detentor da solução do problema.

O modo como introduz a questão seguinte mantém as funções acima observadas:

> Você já se perguntou por que existem pessoas alegres e despreocupadas, quando milhões de outras são deprimidas e atormentadas por neuroses e medos? (ibid. 13)

Nesta questão (parágrafo 4º), é reafirmada a posição do sujeito emissor como aquele que detém um saber e o enunciatário como sujeito da ignorância, pois ela apresenta o mesmo conteúdo proposicional que as do parágrafo anterior, mas pontuando uma diferença nesta relação enunciativa, quando deixa de utilizar no enunciado interrogativo o verbo "dever", o qual, segundo Neves (2000: 62), pode ser utilizado para modalizar um enunciado, dando a este, dependendo da situação discursiva, um valor epistêmico ou deôntico.

No caso em que se encontra (no primeiro enunciado interrogativo), o conteúdo proposicional refere-se ao conhecimento que o enunciador tem acerca do enunciatário (o enunciatário possui uma dúvida) e não a um enunciado que veicule uma obrigatoriedade; portanto, está funcionando como um modalizador epistêmico.

Neste sentido, a ausência do verbo "dever", nesta pergunta, faz parecer que o enunciador tenha uma real dúvida, porém, do mesmo modo que as anteriores, o que este enunciado veicula não é uma dúvida, mas a certeza de que o enunciatário não sabe o porquê da existência das diferenças. E, contextualmente, por que motivo ele, o enunciatário, vive cercado de pessoas que vivem bem enquanto ele não; assim, o que o enunciador faz é dirigir o enunciatário para o centro do problema e indicar-lhe a causa.

Tal procedimento discursivo parece ser uma constante. As perguntas que sucedem (parágrafos 7º e 8º), embora ocorram de modo diferente, também não podem ser caracterizadas como perguntas "inventivas" ou "tópicas", pois não mobilizam necessariamente uma resposta, nem contraditória nem baseada na lógica que encerram; na verdade, simulam, ou pretendem simular, um certo estado de afeto, para atingir, com veemência, a simpatia do outro, no sentido dado por Blair (op. cit..), na medida em que o enunciador faz parecer estar na posse de uma certa perplexidade diante de um enunciatário que se encontra "sem rumo certo", com idéias arraigadas que dirigem suas ações. Dessa forma, ao lançar estas perguntas de caráter existências (ou pretensamente filosóficas) e de modo enfático, quer fazer o outro sentir verdadeiramente sua indignação e desespero, preparando o terreno para apresentar a solução única do problema, ou, nos termos de Maingueneau (2001), fazer o enunciatário passar por um processo de incorporação. Finalmente, aqui você descobrirá o seu verdadeiro destino". (p.14). Trata-se, portanto, de perguntas-resposta.

As que vêm a seguir continuam direcionando os argumentos e também parecem não serem verdadeiramente uma pergunta. Elas reafirmam, agora, mais explicitamente, a imagem de um enunciador que detém uma verdade e de um enunciatário ignorante. Estrategicamente, surgem logo após o enunciado assertivo com traços de condicional:

> (...) Se não conseguiu, alguma coisa deve estar errada em você.
> **O que é?**[5] (ibid. 14)

O enunciado deixa implícito que qualquer um consegue ter a vida repleta de felicidade, entre outros sentimentos positivos; assim, como o enunciatário-leitor não consegue obter o mesmo êxito que os outros, algo está errado com ele (incompetência). Construindo, dessa forma, o enunciado conduz, necessariamente, à pergunta o quê?, a qual está materializa logo a seguir, no parágrafo subseqüente (o que lhe confere mais força argumentativa). Na seqüência, também em forma de pergunta, o enunciador afirmar que a responsabilidade pela infelicidade, pela falta de dinheiro etc., é um problema exclusivo do enunciatário.

Neste sentido, as perguntas, como as anteriores, não requerem respostas, mas, somente marcar, ao encerrarem nelas certezas, os lugares discursivos dos sujeitos: de um lado, o sujeito que parece saber qual o problema, sua origem e solução; de outro, um sujeito ignorante que deverá ser levado a obter estes conhecimentos para melhorar na vida.

Utilizando-se da tipologia discursiva proposta por Plantin (1991), estas questões, apesar de conterem um direcionamento, não se caracterizam nem como perguntas *"inventivas"* nem como perguntas *"topicas"*, o que significa que não objetivam fazer o enunciatário chegar a uma verdade, a qual nasce de uma contradição ou de uma lógica inerente às próprias perguntas, mas, pelo contrário, a aceitar a verdade que já está incrustada nas próprias perguntas-resposta. Assim, são de caráter monológico, pois não há evidências de uma participação ativa do enunciatário no sentido de ele encontrar-se inserido em uma situação de cooperação, mas de destituição de sua voz, do que se conclui que a verdade não será construída, mas imposta por um déspota a um discípulo, do qual se espera uma conduta. Estas perguntas, portanto, são de natureza retórica, argumentativa e determinadora dos papéis discursivos representados pelos sujeitos da enunciação.

Nos outros livros, as questões parecem seguir a mesma orientação retórico-discursiva.

3.2. Livro 2 – *Lições para vencer* – do sonho à conquista – João Doria Júnior

Nos excertos abaixo, que constam do primeiro capítulo do livro de João Doria Junior, encontramos várias perguntas. A primeira pergunta presente no texto (parágrafo 3):

> **Pois bem, o que é uma história interessante?**[6] É uma história repleta de novas oportunidades. As chances simplesmente surgem para os personagens, como a famosa maçã que teria caído na cabeça de Newton, propiciando-lhe o *insight* sobre a gravitação. (DORIA JUNIOR, 2001:23)

Não se pretende que o enunciatário venha a respondê-la, apropriando-se da palavra para explicar o que viria a ser em sua visão uma "história interessante". Ela tem, no primeiro momento, a função argumentativa de focar determinado conteúdo da expressão "história interessante", delimitação necessária para o desenvolvimento de toda a argumentação posterior. Além desta função de especificar, esta pergunta parece auxiliar também na construção da imagem do enunciador.

---

[5] Grifo nosso.
[6] Grifo nosso.

O enunciado, como está construído, pressupõe um enunciador-autor que conhece (ou simula conhecer) aquele a quem se dirige, o que o autoriza a realizar a pergunta e a passar a idéia de que tem condições de antecipar uma provável dúvida do sujeito-leitor e dar a este as repostas.

Assim também ocorre com a questão seguinte (parágrafo 6):

> **Por que é tão fácil?**[7] Ora, porque é um filme. Ali está a mão do diretor, que estabelece os movimentos da câmara e decide o que você vai ver, conforme o caso, antes do personagem que é contemplado pela oportunidade. Há um roteiro prévio. Como você o ignora, é como se tudo acontecesse ao acaso, temperado pelo elemento surpresa, E então você se delicia com o filme. (ibid, 24)

Nela, antecipa-se uma provável constatação do sujeito leitor; na verdade o enunciado encerra um juízo valorativo do enunciador, o qual é transferido discursivamente para o enunciatário. A resposta (*Ora, porque é um filme*) apresenta um tom de obviedade, do qual se infere que a pergunta pressupõe que o enunciatário não deveria ter esta dúvida. De fato, o enunciado não apresenta uma dúvida real, mas a certeza do sujeito da persuasão diante da argumentação que desenvolve.

Algo semelhante ocorre nas perguntas realizadas no parágrafo 7,

> Quando a história chega ao fim, e você dá outro clique no controle remoto, ou vê as luzes do cinema se acenderem e reencontra os rostos dos demais espectadores, **o que acontece?** Bem, é claro, em primeiro lugar isso quer dizer que o filme acabou, e é hora de pensar no jantar ou em algum outro programa. Porém, o fato mais contundente, dito de maneira das oportunidades, você outra vez está de volta àquilo que se chama de "vida real", onde as coisas são mais ou menos previsíveis, sem o romantismo do inesperado. **Mas será mesmo assim, no fim das contas, ou apenas nos habituamos a pensar assim?**[8] (idem)

Elas também não requerem, como nas outras, uma resposta. Sua presença visa ao movimento argumentativo específico pelo qual se apresenta um conhecimento advindo do senso comum (o ato de acabar o filme é uma espécie de retorno à "vida real") e outro que busca relativizar este conhecimento (será que é isto mesmo?). Por conseguinte, a primeira se liga ao esperado (já dado) e a segunda o desdiz, apresentando um outro ponto de vista. A segunda reformula a primeira por contraposição, porque funciona como contra-argumento de forma a marcar o posicionamento do enunciador-autor diante do enunciatário-leitor. Este modo de conduzir a argumentação, discursivamente, mantém o enunciador no lugar do sujeito que detém um saber e o enunciatário, no pólo contrário, no lugar do sujeito da ignorância.

Em outro enunciado interrogativo esta condição parece persistir:

> **Por que Woody Allen não atendeu Fellini ao telefone? Por que Tony Sheridan, a exemplo do dono da gravadora, esnobou os Beatles?**[9] Ora, porque não tinham, naqueles momentos-chave, elementos para julgar uma situação conforme a vemos agora, pelo espelho retrovisor. (ibid, 26)

O sujeito persuasivo focaliza nos fatos a atitude que julga ser o ponto que une os dois acontecimentos: o despreparo dos personagens no momento em que se exigia uma atitude de desprendimento. Nesse sentido, as perguntas não estão colocadas com a finalidade de levar o enunciatário a buscar respostas, mas, como nas outras ocorrências, elas estão nas próprias perguntas, direcionando os argumentos.

No entanto, há, nestes enunciados, também um certo tom de obviedade da resposta, dando a mesma impressão anterior de que "qualquer um responderia desta forma", obviedade que se faz notar pela partícula "ora", que confere ao enunciado uma certa espontaneidade. Contudo, em seguida à resposta que o enunciador fez parecer ser evidente e certa, outra pergunta redireciona o raciocínio:

> **Mas será que não havia mesmo elementos ou terá faltado, isto sim, atenção aos detalhes, presença de espírito, algum vislumbre de que ali se ocultava uma preciosa oportunidade?**[10] Já vimos que uma linha muito fina separa o que é apenas um

[7] Grifo nosso.
[8] Grifo nosso.
[9] Grifo nosso.
[10] Grifo nosso.

> acontecimento comum daquilo que pode representar uma porta de acesso a um campo de possibilidades. (ibid, 28)

Neste enunciado interrogativo, a resposta dada como única na pergunta anterior passa a ser negada. A partícula "mas", que, de acordo com Neves (2000), pode, no discurso, redirecionar um argumento anteriormente posto, negando-lhe totalmente ou parcialmente, reorienta o raciocínio em direção a confirmação da tese do enunciador: é preciso ter atenção nos detalhes mais insignificantes do cotidiano.

Como conseqüência deste raciocínio, verifica-se que esta pergunta não marca uma hesitação do seu proponente, como parece ocorrer, mas, ao contrário, marca sua firme convicção, como bem sinaliza o articulador argumentativo "isto sim", que revela o posicionamento assertivo do sujeito.

Dessa forma, chega-se à conclusão de que o recurso pergunta utilizado neste livro, assim como no anterior, funciona não só como orientador argumentativo, mas também como auxiliador na construção da imagem do autor como um sujeito do saber e o enunciatário como o sujeito da ignorância.

São perguntas diretivas; mas sua diretividade não caracteriza o procedimento como sendo hermenêutico, nos moldes socráticos; ao contrário, como em Trevisan, com seu emprego, o enunciador pretende a adesão inequívoca e sem reflexão à tese central que vai se delineando como verdade inquestionável, à medida que o texto avança.

Este movimento argumentativo marca, discursivamente, o modo de relacionamento entre enunciador e enunciatário, em que o primeiro age também como um déspota, pois impõe sua verdade e o segundo, como um mero discípulo que está em posição inferior, por isso, deve acatar todas as informações como sendo verdades, o que representa, conseqüentemente, um discurso que tende para a monologia.

3.3. Livro 3 – *você pode conseguir o que quer* – Alexandre H. Santos

As perguntas realizadas no primeiro capítulo do livro de Alexandre H. Santos, embora elas apareçam neste capítulo somente duas vezes, tem sua análise vista como importante na medida em que possibilita verificar se tais ocorrências confirmam os resultados dos outros livros em relação à sua função, e à maneira de ser do enunciador.

Após o autor apresentar um exemplo para poder figurativizar sua tese – a existência em todo ser humano de um poder fenomenal – no parágrafo seguinte, o autor faz uma pergunta, a qual cumpre, no primeiro momento, o papel de coesivo pelo qual se retoma, por repetição, um elemento lingüístico apresentado: fonte do poder:

> **Tal**vez você tenha assistido ao filme "De volta para o futuro" e se lembre do super carro com o qual as pessoas viajavam no tempo. Aquela máquina fantástica era alimentada por um *capacitor de fluxo de energia*, localizado num painel atrás do banco do piloto. Quando o vi, constatei surpreso que o desenho que eu havia criado em minha cabeça da *Fonte do poder* era exatamente igual.
>
> **Fonte do poder?**[11] Isto mesmo. Todos nós temos, conscientes ou não, uma nascente de energia pessoal. É a idéia central deste capítulo e ficará clara ao longo dos próximos parágrafos.

Em seguida, este recurso desloca a atenção do enunciatário para a explicação do que vem a ser fonte do poder. A realização desta pergunta sinaliza também a dimensão patêmica do enunciatário diante da suposta informação nova (espanto e surpresa), ao mesmo tempo em que faz parecer que é o enunciatário que tem esta dúvida e não o enunciador, como dá a entender a resposta "isto mesmo".

Assim, logo de início, a questão já marca o lugar do enunciador como o sujeito que detém um saber e o enunciatário como o sujeito da ignorância. Além disso, a pergunta aponta para a estratégia de fazer o outro crer que o sentimento espanto, surpresa é partilhado, ou no sentido de Blair (s/d), é uma estratégia de "pegar o outro pela simpatia", o que, vale dizer, significa que esta primeira pergunta também não se presta a suscitar respostas; ela está sendo utilizada como orientador argumentativo, porque abre caminho para o enunciador definir *fonte do poder* e é uma pergunta que não representa uma dúvida necessariamente, por mais que pareça, mas a certeza da existência do tal poder.

A outra pergunta que aparece neste capítulo não muda seu estatuto:

[11] Grifo nosso.

> Sua nascente de energia pessoal é um bem inalienável, e só você poderá mantê-la atualizada e generosamente nutritiva. Isso exigirá transformações diversas em seu modo de estar no mundo e de encarar sua missão nele. Algumas mudanças serão fáceis de executar. Outras, irão (sic) exigir coragem e sacrifícios, como talvez a renúncia a padrões anacrônicos mas queridos e arraigados, ou a vícios e demais tipos de apegos. Felizmente, cabe a você decidir-se e superar-se. **De que maneira?**[12] A seguir há um caminho. (2001:22)

Nesse fragmento, a interrogativa também não marca uma dúvida nem provoca uma resposta, embora o modo como foi empregada faça parecer que o enunciador antecipa uma duvida do sujeito-leitor e indique, discursivamente, o estado cognitivo e passional deste, pois o sujeito que enuncia se demonstra capaz de apresentar o problema, dar a solução e os caminhos para executá-la, bastando ao enunciatário apenas continuar a leitura.

Assim, a pergunta realizada tem a mesma função: marcar o enunciador como sujeito da certeza e do saber verdadeiro e o enunciatário como o sujeito da dúvida (incrédulo) e da ignorância e, além disso, prestar-se ao movimento argumentativo tornando-o mais persuasivo, visto que, como a anterior, focaliza o conteúdo proposicional que será apresentado, dirigindo a atenção do enunciatário-leitor para o modo que possibilita ser mais decidido e superar os próprios limites.

Portanto, do mesmo modo que as perguntas empregadas nos outros livros, estas também caracterizam uma relação discursiva monológica que leva o enunciatário a assumir como sendo suas as duvidas e paixões simuladas pelo enunciador; cabendo-lhe apenas seguir as orientações que lhe são imputadas.

Cabe ressaltar que o modo como o enunciador deste livro emprega as perguntas, apesar de elas também denunciar seu papel de déspota, como em Doria Junior, por meio dela não se coloca em seu centro o enunciatário, caracterizando uma relação menos tensa e mais didática, ao contrário do que ocorre no livro 1.

4. A pergunta no discurso de auto-ajuda

A comunicação, como já se viu, é considerada um processo intersubjetivo de manipulação, no qual estratégias são utilizadas para a efetivação de um contrato entre os sujeitos da enunciação. A partir desse princípio, procurou-se analisar o recurso pergunta, verificando sua função retórico-argumentativa e discursiva e, conseqüentemente, seu papel na caracterização da relação entre o enunciador e o enunciatário, evidenciando a maneira de agir e de ser de cada um no discurso de auto-ajuda.

Para tanto, optou-se por uma visão mais ampla do emprego desta estratégia, seguindo de perto as contribuições de Plantin (1991), que permitiram não somente descrever suas funções retórico-argumentativas, analisando-as, como também caracterizar os papéis discursivos dos actantes da comunicação.

As perguntas analisadas indicaram que o tipo de relação existente entre os actantes da comunicação é baseado no saber exclusivo do enunciador, o qual, a todo o momento, quer provar, argumentativa e discursivamente, que o enunciatário deve, obrigatoriamente, aceitar todas as informações como sendo verdadeiras e direcionadoras de seu modo de ver o mundo e de agir sobre ele.

Isso fica bastante evidente no livro 1, em que o autor age, discursivamente, de modo imperativo sobre seu destinatário apresentando-lhe a questões existenciais, que expõem suas fraquezas e limitações sem atenuações. Entretanto, mesmo quando as questões abordam o enunciatário indiretamente, não o colocando em uma posição de questionado, o modo como toda a argumentação está construída coloca o sujeito da interpretação na condição de destituído de um saber ser e ter, como fica muito claro no livro dois. Este sujeito estabelece uma relação mais branda como seu enunciatário se comparado com o primeiro, o que também ocorre com o enunciador do livro três, em que o número reduzido de perguntas não deixa de o caracterizar também como um déspota, mas com a diferença de que elas, as perguntas, simulam que o enunciador compartilha a "paixão do outro". São perguntas que parecem mais funcionar como orientador argumentativo, e que, contudo, pela análise, evidenciam um modo autoritário de agir e de ser.

Os sujeitos enunciação, no discurso de auto-ajuda, mantêm uma relação calcada no processo de monologização, pelo qual, a pretexto de orientar e levar o enunciatário a conseguir o que deseja, o enunciador faz com que este, por meio do procedimento pergunta, assuma o papel de (mero) discípulo e passe a agir conforme a conduta ditada pelo déspota (enunciador), porque o único ponto de vista a ser

[12] Grifo nosso.

considerado na relação será o do enunciador. Esse processo de afastamento da voz do enunciatário torna-o um simples reprodutor de discurso.

5. A tensão no discurso

Apesar de as perguntas terem a mesma função retórico-discursivas, é preciso reconhecer, porém, que ao se comparar os dois livros, afora a coincidência na imagem dos seus enunciadores, nota-se que, neste, as perguntas são proferidas de um modo diferente. Primeiro, porque não se referem do mesmo jeito aos seus enunciatários, segundo, porque o modo de relacionamento ocorre em graus de tensões variados.

Em relação ao primeiro fator, tem-se que, se no primeiro livro, por exemplo, o enunciador por meio da pergunta assevera a condição disfórica do enunciatário de modo direto, no dois e no três, as perguntas fazem essa relação de modo mais indireto, pois o sujeito da recepção não é instalado diretamente no discurso.

Em relação ao segundo, observa-se que embora o enunciador Doria Junior tenha uma relação mais branda com o seu destinatário, ela é menos apaixonada, se fizer uma relação com o modo de Trevisan, cujas perguntas evocam sempre a paixão indignação, o que implica o fato de que Trevisan busca atingir mais emocionalmente o enunciatário que Doria Junior. Em Santos, vê-se o mesmo que neste último, pois se observam as perguntas não expressam diretamente a paixão enunciativa, mas ajuda a construir o efeito de racionalidade.

Deve-se ressaltar que, em cada livro, o enunciador-déspota procura abrandar ou camuflar esse seu modo de ser. Verifica-se, por exemplo, a simulação de **inquirição** em Trevisan, em que faz parecer que será o enunciatário que descobrirá a verdade. Isso se dá porque as perguntas aparecerem em maior quantidade e umas próximas das outras, sugerindo ser um dialogo sobre pressão, incisivo.

Tais perguntas ocorrem em enunciados diretos e curtos, com distanciamento irregular, em relação a sua ocorrência: às vezes os enunciados interrogativos estão concentrados em um mesmo parágrafo; em outras, são parágrafos de uma só frase.

Assim, obtêm-se ora distanciamento longo (por exemplo, as realizadas no primeiro parágrafo e as realizadas nos parágrafos 6 e 7), ora curto (o parágrafo 6 em relação ao 7). Esse modo de dizer provoca no texto um ritmo “acelerado” que evoca, textualmente, a ambiência da inquirição (inquisição), em que o enunciatário vê-se na posição de réu (sendo “bombardeado”). Tal ritmo parece cumprir a função de persuasão, porque é um modo intencional de o enunciador-autor dirigir-se ao enunciatário-leitor de modo intimidador, colocando-se em posição de soberania. De modo mais específico, nesse ato em que uma voz destitui a outra, presentifica-se a paixão do sujeito leitor: indignação ante a uma situação injusta; ódio e pesar motivados pela prosperidade e alegria de outrem. Para, em seguida, fazê-lo (o enunciatário) se perceber como sendo a origem do problema.

Já em Doria Junior, é simulada uma investigação dos fatos para saber por que eles ocorreram daquela forma e não de outra. Isso de um modo mais distenso que no livro 1, pois não há o “bombardeamento” de perguntas diretamente dirigidas para o leitor, ao contraio, são proferidas de modo mais indireto, simulando uma relação de cooperação, mas que na verdade é uma relação de destituição. Na obra de Alexandre H. Santos, ocorre algo semelhante: as perguntas vão encaminhando, argumentativamente, o enunciatário-leitor, demonstrando que todas as inquietações que se apresentam são solucionadas no próprio livro. As perguntas se apresentam de um modo brando, mas diretivas.

Esses simulacros parecem dar aos modos de embate entre o enunciador e o enunciatário certo nuance em que se pode vislumbrar um déspota-excessivo (Lauro Trevisisan) e um déspota-contido (Dória Júnior e Santos) – mas de qualquer maneira, é preciso lembrar que estes efeitos de abrandamento são uma forma de camuflar a relação estabelecida entre os sujeitos: déspota e discípulo.

6. Conclusão

Considera-se, portanto, que, nestes livros, além de outras estratégias, o enunciador estabelece as bases do relacionamento de captação do outro por meio de **perguntas**, na medida em que o sujeito da persuasão age de modo impositivo, dando a ver uma autoridade legitimada pelo seu saber em relação à ignorância do outro, demarca uma maneira despótica de relacionamento em variados graus.

Tudo indica que elas são um recurso fundamental, pois marcam discursivamente a pretensão de manipulação do destinador em face ao destinatário para que ocorra a mudança de estado: disjunção de

crenças arraigadas, de pensamentos e posturas considerados, do ponto de vista do enunciador, incorretos, para entrar em conjunção com o saber verdadeiro e com a conseqüente conduta de um "homem de sucesso".

Essa manipulação cria o simulacro de um sujeito que procura dar ao outro a verdade das coisas, visto que tanto as perguntas quanto os casos relatados obrigam (dever-fazer) o enunciatário a agir conforme o querer do manipulador. Portanto, as estratégias empregadas visam consolidar a imagem do enunciador como a de sujeito detentor do saber que intenta fazer com que o enunciatário entre em conjunção com a verdade exposta e torne-se, a sua imagem e semelhança, um homem de sucesso.

7. Referencias bibliográficas

ARISTÓTELES (s/d) Arte Retórica e Arte Poética. R. J.: EDIOURO. Pp. 143 -218.

BARROS, D. L. P. (1996). Contribuições Bakhtin às teorias do texto. In: FARACO, C.A. et al. (org.) *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Ed. UFPR, p. 21-32.

_____ (2002) *Teoria do discurso*: fundamentos semióticos. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP.

BERTRAND, D. (2003) *Caminhos da semiótica literária*. Bauru, SP: EDUSC.

BLAIR, H. (s/d) *Leçons de rhétorique* – et de belles-lettres. Paris: Imprimerie Panckoucke.

CHARAUDEAU, P. (1983) Eléments de sémiolinguistique – Théorie et pratique. Paris: HACHETTE

DORIA JÚNIOR, J. (2001) *Lições para vencer.* São Paulo: Ed. Gente.

FIORIN, J. L. (2002) *As astúcias da enunciação – as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática.

GREIMAS, A. J. & COURTES, J. (1979) *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Cultrix.

_____ (1983) *Du sens II*: Essais sémiotiques. Paris: Éditions du Seuil.

_____ & COURTES, J. (1986) *Semiotique*: dictionnaire raisonné de la théorie du langage, tome 2. Paris: HACHETTE.

_____ FONTANILLE, J. (1993) *Semiótica das paixões*. São Paulo: Ática.

_____ (1993) *Maupassant – A semiótica do texto: exercícios práticos.* Florianópolis:

LAUSBERG, H. (1972) *Elementos de retórica literária*. Lisboa: Gulbenkian.

_____ (2004) *Análises de textos de comunicação.* São Paulo: Cortes.

MARI, H. (Org) (2000) *Categorias e práticas de análise do discurso*. Belo Horizonte: FALE/UFMG.

_____ (Org) (2001) *Análise do discurso*: fundamentos e práticas. Belo Horizonte: FALE/UFMG.

PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA (2002) *Tratado de argumentação* – a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes.

PLANTIN, C. Question => Argumentations => Réponses. In. KERBRAT-ORECHIONI, C. (1991) *La Question*. Lyon: l'U.R.A p.63-86.

SANTOS, A.H. (2001) *Você pode conseguir o que quer* – Poderosas ferramentas para você planejar e atingir as metas de sua vida, São Paulo: Vozes.

TREVISAN, L. (1980) *O Poder infinito da sua mente.* Rio Grande do Sul: Ed. Mente.